REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume | Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4 | 10 de Setembro de 1908 | Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 7 | N.º 1069

O Castello de Lisboa

MARTIN MONIZ, NA CONQUISTA DE LISBOA, ATRAVESSA-SE NA PORTA DO CASTELLO PARA FORÇAR A ENTRADA
Fac-simile de um desenho de Nogueira da Silva e gravura de Caetano Alberto, publicada no ARCHIVO PITTORESCO, *em 1867*

CHRONICA OCCIDENTAL

Está inaugurada a secção de Portugal na grande exposição do Rio de Janeiro, patenteando o que de mais bello e culto se produz na industria portuguêsa.

Parece que os desastres financeiros que de ha muito esmagam a nossa virilidade e ameaçam o futuro de uma nação tão gloriosa pelos feitos gigantescos dos seus antepassados como mimosa em dotes naturaes, irritaram a nossa vaidade e brio, acordando-nos para o trabalho e para a lucta.

Raça de heróes e de conquistadores, sabendo como poucas brandir uma espada no campo da batalha, e, como nenhuma outra, manobrar o leme das caravelas numa derrota audaciosa, o seu genio empreendedor e aventureiro e a sua compostura fidalga mal se acomodavam com estes lavores burguêses, que hoje se impõem ás sociedades modernas, orientadas nos principios utilitarios e positivistas.

A's luctas epicas dos nossos marinheiros e soldados sucedeu a lucta pela sciencia e pelo trabalho. Já não se conquistam imperios na India, na America e na Africa: arroteam-se campos e criam-se industrias.

Estamos no seculo das exposições; sucedem-se ellas umas ás outras e em toda a parte, mostrando que se tornaram uma necessidade, e isto nos conduz naturalmente a concluir pelas suas vantagens.

Da exposição portuguêsa no Rio de Janeiro deduzem-se consequencias importantes.

Na maioria dos casos e nosso país tem recursos bastantes para satisfazer ás necessidades da sua gente. As industrias estão adeantadas e acompanham os progressos modernos, que assinalam o estado das similares em outros paises com recursos bem maiores e ha muito mais tempo experimentados nestas lides.

Não ha país nenhum que possa aspirar a ter dentro de si todos os artigos que são indispensaveis para os usos da vida. A emancipação completa é uma utopia, a que se opõe o exame dos factos. Os paises mais poderosos da atualidade são aquelles que mais dependentes estão dos estrangeiros. A facilidade de comunicações que existe já entre todos elles, graças á aplicação do vapôr, quer para mover os navios nos mares quer para arrastar ao longo dos carris de ferro os pesados comboios, carregados de produtos e de passageiros, é o elemento poderoso que equilibra o preço de todas as coisas.

Uma nação não póde prosperar só porque possue uma grande, florescente industria: é na harmonia das boas condições de todas que está a sua prosperidade.

A humanidade é uma só familia, e o patrimonio da sciencia é para uso comum de todos os homens.

Os concursos de produtos a uma exposição são um apelo á paz e á união. Todas as hostilidades expiram nesse convivio temporario; a mesma paz deve prolongar-se passado o periodo do acordo, para que sejam duradouros os seus resultados.

Não ha ponto algum na superficie do planeta que não tenha influencia no conjunto dos factos, como no mundo solar não existe corpusculo algum pulverisado na imensidade do espaço, que não figure pela sua massa material na perturbação dos movimentos.

Os portuguêses que, emigrados para o Brazil, ha longos annos deixaram a terra da sua patria, devem receber agora, por tudo aquillo que lá fômos mostrar-lhes, uma bem grata consolação. Assim hão de poder elles vêr, e fazer vêr aos outros, tudo quanto, pelos factos da nossa industria nacional, fala em abono da inteligencia, dedicação e sentimentos patrioticos do nosso povo, e como todos procuramos, cada qual na esteira da sua atividade e competencia profissional, crear recursos novos, acudir ás necessidades mais instantes do país.

Era costume velho em Portugal aceitar, com preferencia, os objetos importados p'lo comercio. Durante muito tempo, tudo o que por cá se fabricasse era, só por este facto, depreciado sem mais reflexão. E, verdade, verdade, em não poucos casos tinha o consumidor razão. A industria nacional, quasi sem educação e sem auxilio, não podia levantar-se, só pela iniciativa particular, á altura das industrias de outras nações estrangeiras, a que não faltavam uma e outra coisa, dispondo além d'isso de vastos mercados internos e externos e de tradições comerciaes, que lhes garantiam consumo rapido e remunerador. Não ha ainda muitos annos, estavamos reduzidos a exportar vinho, cortiça, frutas sêcas, peixe e pouco mais; tudo o mais, importava-se. Por isso o desequilibrio economico era fatal e permanente; e, como tinhamos credito, o deficit annual saldava-se com os emprestimos.

Assim iamos vivendo numa saborosa indiferença, contentando-nos, no respeitante a industria, com as cadeiras de Evora, as mantas de Almodovar, a cutelaria de Guimarães, os briches de Monchique, os chapeus de Braga, os sapatos de Vianna do Castello, tudo coisas bem tipicas, productos de muita habilidade, mas tudo de mediocre valor industrial. E quando um espirito mais arrojado se lançava em qualquer empreza larga, de alcance economico e de feitio moderno, encontrava na frente a concorrencia estrangeira favorecida pelos tratados de comercio, pelas facilidades aduaneiras, e, sobretudo, pelo despreso ou a depreciação nos mercados nacionaes.

Nenhuma lucta mais desegual nem mais perigosa. Neste apertado circulo, nem os governos podiam agravar o direito da importação, porque o consumidor enchia-se de razão e protestava, faltando lhe a producção indigena, nem se creavam ou aperfeiçoavam industrias, por não contarem com remuneração vantajosa.

Coincidindo com este deploravel estado de coisas, rebentava a crise pavorosa. As finanças do Estado estavam arruinadas, a taxa do imposto tinha attingido o maximum da tolerancia, o país definhava, a emigração crescia, o dinheiro metalico desaparecia, as grandes casas bancarias aproximavam se da insolvencia, as questões politicas azedavam-se.

Lançado nesta adversidade, o país entrou então, e rapidamente, na compreensão precisa dos seus males e do perigo dos seus males. Começando por querer reduzir o desequilibrio economico, dadas as grandes dificuldades para satisfazer os encargos dos emprestimos, governos e industriaes pensaram então a serio numa cooperação reciproca, no sentido de desenvolver o fomento industrial.

Viu se o que era já, pouco depois, a representação de Portugal na exposição de Paris em 1900; viu-se depois, em 1904, como figurámos na formidavel exposição universal de S. Luiz; vê-se agora, e com desvanecimento o hão de ver todos os nossos compatriotas emigrados no Brazil, o que é a secção portuguêsa no certamen do Rio de Janeiro.

Transformámos os processos rotineiros, trabalhosos e imperfeitos, das industrias caseiras nos mais delicados e engenhosos processos das industrias modernas; substituimos o velho e inepto mecanismo d'esses processos pelos grandes descobrimentos que a educação scientifica impõe aos novos; espalhámos o ensino profissional, fazendo do operario rude e inconsciente um artista culto; fomos procurar ás sciencias fisicas e chimicas as forças e as combinações, que generosamente se offerecem ao homem para empreender e alcançar os resultados mais assombrosos na grande lucta do fomento industrial; propagámos e dotámos as escolas profissionaes, que são os esteios mais resistentes d'esta muralha de oiro e luz, que se chama a Industria; preparámos, emfim, o futuro do paiz, enchendo-o de prosperidade e gloria!

João Prudencio.

O CASTELLO DE LISBOA

II

(Concluido do numero 1067)

O erudito Visconde de Castilho, copiando a pag. 135 do vol. 3.º da sua *Lisboa Antiga* (Lisboa, 1885), o paragrapho que transcrevemos, commenta-o da seguinte fórma: «Que leões seriam estes? esculpturas? pinturas? quem o sabe?»

Quem o sabe? Parece-me advinhal'o. Quem sabe se nos baixos d'esta torre haveria alguma jaula de leões, que, aos Senhores de Ceuta, de Guiné, da Conquista, de além mar em Africa, dos campos e desertos onde caçavam sob o sol africano, trouxessem os cavalleiros portuguêses? Informa-nos Ayres de Sá, que n'um m/s da Bibliothéca Real do Paço de Mafra, viu que, em 1755, quando foi do terremoto, havia animais ferozes nos Paços da Ribeira; no Paço de Belem, um dos mais modernos, ainda se vê o chamado *pateo dos bichos*, de bem tristes recordações pombalinas.

Conclue-se que era velha uzança dos Reis de Portugal terem, como hoje se diria, *ménagerie* nos seus Paços, não se esquecendo de que eram reis de além mar.

Partindo d'este lado da muralha ha um grosso muro que vae ter á Torre que ficava junto á porta de S. Lourenço, a qual se abria na muralha que descendo á Mouraria ia subir pelo *Monturo do Collegio* e cingir a cidade descendo a *Valverde*. Diz Castilho na sua aqui citada obra monumental, *Lisboa Antiga*, «que no seculo XVIII «ainda, segundo o testemunho do autor da *Chorografia Portugueza*, o castello de Lisboa pos- «suia grandes torres, *e uma grande entrada en- «coberta debaixo do chão*. Por mais que procurei «informarme com habitantes da freguezia de «Santa Cruz, não pude já descobrir onde ia sair «essa entrada encoberta.»

A isto direi que no antigo palacio dos Marquezes de Ponte de Lima, Viscondes de Villa Nova de Cerveira (1) que foram em tempo de D. João I descendentes dos Nogueiras, Alcaides Móres de Lisboa; existe, ao fundo d'um salão, o ultimo do lado do poente, e cujo topo é formado pela muralha antiga da cêrca de D. Fernando, uma porta, entrando a qual, se vê, á direita e á esquerda, um estreito corredor aberto dentro da mesma muralha, que decerto era a communicação da casa dos Alcaides Móres com o Castello e principiava a ser subterranea logo debaixo da porta ou postigo de S. Lourenço, que ficava junto d'este palacio.

(1) Este palacio que fica no Largo da Rosa ao fim da rua das Farinhas veio por herança a pertencer á casa dos Marquezes de Castello Melhor seus actuaes proprietarios.

O muro que, da pequena torre contigua á porta de S. Lourenço, sobe até ás muralhas do poente d'Alcaçova, era a continuação da cortina de defeza e quem sabe se ficava sobre o caminho subterraneo. Outra sei que existe, mas essa nunca a vi, e vae ter ao palacio que foi dos Viscondes de Azurara no largo das Portas do Sol, por onde corria tambem outro lanço de muralha passando pela egreja da Commenda de S. Braz da ordem dos Templarios, hoje mais conhecido pelo nome de Santa Luzia. — Do primeiro d'estes caminhos tenho quasi a certeza da sua existencia, justificada porque serviria de passagem de casa do Alcaide Môr para o Castello. Transferido o cargo a outra pessoa é possivel que a passagem fosse tapada. Sem duvida o caminho começava a ser subterraneo no logar do postigo de S. Lourenço indo surgir na alcaçova sob a muralha do poente, ao fim do já mencionado muro que a liga com a dita porta.

Sobre as muralhas encontram-se muitos vestigios das edificações ao correr o adarve do lado do nascente d'onde se disfructa a mais encantadora vista; parece que junto á Torre a que eu chamo a *do Tombo* se vêem os restos d'uma grande sala que servia, talvez, de uma das principaes do archivo real.

Nas vistas da antiga Lisboa, taes como uma do seculo XVI do *Theatrum Urbium*, de Braunio e n'outra: *Plano de Lisboa no seculo XVI*, do mesmo *Theatrum Urbium*, e ainda uma de origem ingleza, vêem de mui diverso modo em cada uma as edificações do Castello, sendo quanto a mim a melhor de todas a que tem a legenda: «Olissipo quæ nunc Lisboa, civitas amplissima Lusitaniæ, ad Tagum totio Orientis, et multarum Insularum Aphricæque et Americæe emporium nobilissimum.»

N'esta, sob o numero 49, vê-se perfeitamente entre duas torres a *Porta do Monis* ao centro da praça, hoje chamada nova, vê-se tambem a velha Egreja de Santa Cruz; isto, e os grupos de torres que na referida estampa se vêem, confirmam plenamente que não são muito erradas as conjecturas que ha muito tenho como boas.

N'outra vista, gravura de Schorquens, feita sobre desenhos de Domingos de Vieira Serrão, publicada na narrativa da viagem de Felippe 2.º a Lisboa em 1619, confirma-se o que fica dito. Na já citada vista de Lisboa, de origem ingleza, do anno de 1650, tambem, quanto á Capella, vejo não estar eu em erro.

Mas, continuando a recordar o passado faustoso do Alcaçar real, lembrarei a magnifica festa que El-rei D. Fernando e a Rainha D. Leonor Telles ali deram ao Conde de Cambridge, descripta graciosamente por Fernão Lopes.

O juramento do Principe D. João depois 2.º do nome.

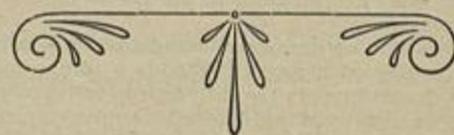
As aclamações regias, a morte da *excellente Senhora* a Rainha D. Joanna de Castella, segunda mulher de D. Affonso V, que não deixaria de mandar pintar nos seus aposentos a sua divisa tão melancolica como verdadeira: dois alforges e n'elles esta letra: *Memoria de mi derecho*. Ali Gil Vicente lançou os fundamentos do theatro portuguez, com os seus autos nas camaras e salões do paço.

E quantas outras mais cousas se poderiam juntar a estas?

A historia do Castello de Lisboa, espalhada por todas as chronicas e memorias de Portugal, e reunida pelo Visconde de Castilho, com singularissima proficiencia, é uma das paginas gloriosas da historia nacional, já escripta.

Eu quiz apenas fundamentar o meu requerimento a todos os bons portuguezes para que se interessem pela causa.

Quanto a mim: Concordando plenamente em que são horrendas as edificações modernas que, dentro das muralhas, se vêem da cidade, desejaria que fossem corrigidas por conta do Estado, com artistas e artifices portuguezes, na posse da Nação, sob a protecção dos nossos governos, e que cada um fosse com a sua boa vontade, o seu saber e a sua bolsa, engrandecendo este venerando padrão que tantas gerações amaram e que custou tanto sangue portuguez. Concedel-o a portuguezes para o venderem a estrangeiros, isso nunca. Nem creio que haja um parlamento portuguez que approve tal attentado.

Julio Mardel.

Centenario da Guerra Peninsular

1808-1908

«..., aquelle pobre e desgraçado monarcha, de quem a Historia só tem a censurar a excessiva bondade... ea'gumafraqueza.»

Arthur Lamas — *Medalha commemorativa do casamento do Infante D. João, depois D. João VI, com D. Carlota Joaquina de Bourbon, e do da Infanta portuguêsa D. Mariana Victoria com D. Gabriel de Hespanha*, artigo insérto em *O Archeologo Portuguès*, vol. XII. setembro a dezembro, 1907, n.os 9 a 12.

Parára nas mãos de um soldado o movimento revolucionario que tivéra inicio retumbante na tomada da Bastilha, aos 14 de julho de 1789 e batismo glorioso dos campos de batalha em Valmy, contra os prussianos, durante o dia 20 de setembro de 1792 e em Jemmapes, contra os austriacos, no correr de 6 do mez de novembro seguinte.

De triumpho em triumpho, o antigo feliz artilheiro de Toulon conseguira empolgar o mando suprêmo e cingir uma corôa imperial!

Desejando abater a Inglaterra, determinou isolál-a do resto do mundo, fazendo-lho fechar os portos aos seus navios e neste sentido ordenou a Portugal que lhe obedecesse e ao general Junot que avançasse para Lisboa, a fim de tornar firme um tal proposito (1807).

Nesta conjunctura, estando a findar o mez de novembro do citado anno, — aquelle pobre e desgraçado monarca — conforme se exprime Arthur Lamas no erudito artigo acima citado — aquelle —, então principe regente no impedimento da dementada rainha D. Maria I, sua mãe, fugiu para os seus dominios nas Terras de Santa Cruz, sendo a cidade da Bahia o primeiro ponto do Brazil onde desembarcou em 21 de janeiro de 1808.

Alludindo a Napoleão, lê-se na *Historia Universal*, por Cantú:

«Quando uma deputação de portuguezes se apresentou diante d'elle em Bayonna, sem esperar que tomassem a palavra, disse-lhes: — Não sei ainda o que hei de fazer de vós; isso depende dos acontecimentos. Estaes no caso de formar um povo? tendes o volume necessario? O vosso principe abandonou-vos, fez com que os inglezes o conduzissem ao Brazil; fez uma grande loucura, de que se ha de arrepender.»

No 1.º de maio de 1808, achando-se já installada a familia real portugueza, no Rio de Janeiro, era assinado para circular a todos os ventos do espaço o *Manifesto* que, attenta a opportunidade apotheótica do momento, vou transcrever na integra do seu introito:

«A Corte de Portugal, depois de ter guardado o silencio, que era proprio das difficeis circumstancias, em que se achou, e até ao momento, em que o novo Assento do Governo estivesse estabelecido; julga dever á sua Dignidade, e á Ordem, que occupa entre as Potencias, a exposição verídica, e exacta da Sua Conducta, sustentada por factos incontestaveis; a fim de que os Seus Vassallos, a Europa imparcial, e ainda a mais remota posteridade possam julgar da pureza de Sua Conducta, e dos principios, que adoptou, seja para evitar uma effusão inutil do sangue dos Seus Povos, seja porque não pôde persuadir-se que tratados solemnes, e de que haviam cumprido as Condições onorosas a favor da França, pudessem parecer objectos de pouco preço aos olhos de um Governo, cuja desmedida, e incommensuravel ambição não tem limites, e que em fim tem de todo tirado a poeira dos olhos aos que se achavão mais prevenidos em seu favor. Não é com injurias, nem com vãos, e inuteis ameaços que a Corte de Portugal levantará a Sua voz do seio do novo imperio, que vai crear; é com factos authenticos e verdadeiros, expostos com a maior singeleza, e moderação, que fará conhecer á Europa, e aos Seus Vassallos tudo, o que acaba de soffrer; que despertará a attenção dos que podem ainda desejar não serem victimas de uma tão desmedida ambição, e que poderão ainda sentir quanto a sorte futura de Portugal, e a restituição dos Seus Estados invadidos sem declaração de guerra, e no seio da paz, deve ser preciosa para a Europa, se espera ver renascer a segurança, e a independencia das Potencias, que d'antes formavão uma especie de Republica, que se balançava, e se equilibrava em todas as suas differentes partes. A invocação e a appellação para a Providencia Divina, é a consequencia desta exposição; e um Principe Religioso sente todo o valor desta pratica, pois que o crime nem sempre fica impune; e a usurpação, e a força se gastão, e consomem pelos esforços continuos, que são obrigadas a empregar para se conservarem.

A Corte de Portugal vio com lastima principiar a Revolução da França; e deplorando a sorte do virtuoso Rei, com quem tinha relações de sangue tão estreitas, não julgou todavia prudente tomar parte alguma na guerra, que o procedimento dos Malvados, que dominárão, e dessolárão a França, (até pela confição do Governo actual) obrigou a todas as potencias a declarar-lhes; e ainda dando soccorro á Hespanha para a defeza dos Pyrineos, procurou sempre guardar a mais perfeita Neutralidade...»

No epilogo do documento de que acabo de transcrever as linhas precedentes, encontra-se a *Declaração* concebida nos termos seguintes:

«S. A. R. rompe toda a communicação com a França; chama aos seus Estados todos os Empregados naquella Missão, se é que algum possa ainda alli achar-se; e authoriza os Seus Vassallos a fazer a Guerra por Terra e Mar aos Vassallos do Imperador dos Francezes.

S. A. R. declara nullos e de nenhum effeito todos os Tratados, que o Imperador dos Francezes O obrigou a assignar, e particularmente os de Badajós, e de Madrid em 1801, e o de Neutralidade de 1804; pois que elle os infringio, e nunca os respeitou.

S. A. R. não deporá jámais as Armas, senão de accôrdo com o Seu Antigo, e Fiel Alliado S. M. Britanica; e não consentirá em cazo algum na Cessão do Reino de Portugal, que fórma a mais antiga Parte da Herança, e dos Direitos da Sua Augusta Familia Real.»

Que ironia tão completa! e cingiu a corôa d'este paiz uma similhante creatura que longe, muito longe da terra da patria assim prometia não depôr as armas na sua defesa!

Que armas e que defesa!!!

As armas forjon-as o povo, unico defensôr dos lares, e elle e só elle, nada ficando a dever áquelles que haviam desertado do seu legitimo posto de nobreza e de honra, operou decididamente na causa da dignidade nacional e da independencia do seu solo estremecido.

Quando os governadores do reino pela realeza ausente, convidaram a população a pegar em armas contra os invasôres da patria, puderam dirigir-se com toda auctoridade de facto consummado aos heroicos descendentes dos navegadores de todos os mares e dos descobridores de todos os continentes.

Eis alguns periodos da sua proclamação no sentido indicado:

«Sim, portuguêses, vós tendes immortalisado o vosso nome. Hespanha e Portugal tem sabido resistir ao tyranno, que tinha avassalado todo o norte da Europa, e lançado os ferros aos povos da Italia: a peninsula foi o escolho aonde tem vindo quebrar-se as forças do déspota, que no delirio do seu orgulho tem ousado apelidar-se o Arbitro dos Povos e dos Reis. Mas, portuguêses, não basta ter uma vez vencido: é necessario para conservar a liberdade oppor uma barreira irresistivel aos novos esforços do insaciavel Napoleão.»

A data da proclamação dos governadores foi o dia 9 de dezembro de 1808, isto é, anterior ás invasões de Soult e de Massena.

O anno, portanto, de 1908 é genuinamente o anno que nos cumpre consagrar como centenario da resistencia inicial que nos valeu mais tarde, após o Vimeiro (21 8.º-808), o Bussaco (27-9.º-810) e as famosas linhas de Torres (novembro do mesmo anno), a completa libertação do territorio continental.

Não resisto a inserir n'este lugar a synthese brilhantissima das occorrencias a que me reporto, com a qual o meu saudoso parente e amigo D. Antonio da Costa opulenta o capitulo terceiro do seu livro *Historia do Marechal Saldanha*:

«O reinante fugido, a nobreza dispersa, o commercio paralysado, exhausto o erario, a esquadra singrando para os mares americanos e deixando na orphandade o Tejo em perigo, a invasão irrompendo, com duas calamidades, a amisade fingida e a assolação desrebuçada: eis o quadro lastimoso. Em tão densas trevas só uma luz entreluzia esmorecida ás vistas geraes, mas concentrando em si toda a força do brilho que na propicia occasião lançaria em jorros: era o povo.

O povo protestava a cada momento. Logo após a entrada dos invasores em Lisboa, assim o mostrou, atirando sobre elles, a troco mesmo da pena de morte imposta aos que fizessem uso de armas ou fossem simplesmente cabeça de motim. Nas procissões, nos arraiaes, em qualquer dos seus ajuntamentos, protestava contra a policia do elemento francez; nas povoações pequenas, protestando com as ameaças, sacrificava as proprias vidas; quando via arriar no castello de S. Jorge a bandeira das Quinas protestava com os seus tumultos; quando assistia no theatro ao desenrolar da bandeira tricolor entre vivas ao despota que representava a sujeição, respondia, embora inerme, levantando vivas a Portugal e recebendo das balas estrangeiras a morte gloriosa do martyrio; até que por fim, sem armas, sem munições, sem tropa, sem recursos de ataque nem de defeza, desfraldando a sua bandeira da independencia nacional, ergueu-se do norte ao sul, apresentando por trincheiras os peitos, por espingardas de guerra as enxadas do trabalho, por viveres as fazendas, e de todos formando um só, gigante que surgia do solo portuguez, collocou-se frente a frente do gigante do mundo, e despedaçou-o com a valentia do seu braço e com a justiça do seu direito.»

Sem esta Peninsula, matadoiro e cemiterio dos francezes de então, o que não haveria logrado Bonaparte? — e sem este povo, inimigo figadal dos intrusos, como seriam esmagados e expulsos por tropas regulares, os invenciveis de Marengo, Austerlitz e Wagram?!

Celebrêmos com jubilo o centenario das glorias do povo de que somos membros; mas, fazendo-o, provêmos com segura e nitida comprehensão dos deveres civicos, não confundir em nossa mente o que importa atribuir a agentes responsaveis com a inculpabilidade das nações.

A França, a admiravel França, que tanto nos atrae e encanta, não teve culpa dos actos de Napoleão.

Cantando os nossos antigos e inolvidaveis triumphos sobre as aguias do côrso, nós prezâmos e respeitâmos o povo fracez, a nação franceza.

D. Francisco de Noronha.

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

A festa inaugural e a Secção Portuguêsa de Bélas Artes

São consoladoras as noticias que nos chegam do Rio de Janeiro, ácerca da Exposição Nacional solemnemente inaugurada no dia 10 de agosto. Toda a imprensa fluminense a festeja com entusiasmo, e muito em especial se refere á Secção Portuguêsa, que para muitos é surpreendente a variedade e perfeição dos produtos expostos, desde os agricolas até aos artefatos das industrias manufatoras.

A secção de Bélas-Artes, essa sobre tudo, dispertou extraordinario interesse e levantados elogios, em que os jornaes são unanimes.

De facto, as obras que enchem o pavilhão anexo destinado ás Bélas-Artes, atestam um renascimento operado nestes ultimos trinta annos, em que se tem progredido largamente, pelo esforço grande de um punhado de artistas que fariam a gloria da arte em qualquer país onde aparecessem.

Não admira, pois, que a Exposição de Bélas-Artes, chamasse desde logo a atenção do grande publico fluminense, como logo mereceu todas as honras do governo federal e do presidente da grande Republica, sr. dr. Affonso Penna, que a foi inaugurar com toda a solemnidade.

A esse acto assistiu o comandante, oficiaes e guarnição do crusador *Rainha D. Amelia*, que havia dias fundeava nas aguas do Guanabara, e ali fôra representar Portugal na comemoração que o Brasil celebra do centenario da abertura dos seus portos ao comercio do mundo, como o Occidente já referiu no seu n.º 1064.

No grande certamen nacional em que o Brasil quiz reunir as suas forças produtoras numa festa do trabalho, que é hoje a principal gloria das nações cultas, abriu uma honrosa excepção para Portugal convidando-o a partilhar dessa festa de familia considerando-nos com justiça e amor como irmãos, justiça e amor a que correspondemos com todos os afétos do nosso coração.

E' disto uma prova o entusiasmo com que os portuguêses acorreram ao convite que lhes foi dirigido pelo governo brasileiro, e graças aos bem

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Bernardim Ribeiro — *Esculptura de Costa Motta.*

Os Ferreiros — *Quadro de Ribeiro Junior*

Um Valente — *Quadro de Gyrão*

A Industria — *Esculptura de Thomaz Costa*

dirigidos trabalhos da Commissão Portuguêsa, que tão patrioticamente se empenhou para que este paiz se apresentasse condignamente no grande certamen, é certo que todas as suas forças productoras se representaram largamente, de modo que, sendo pequeno o espaço de 3:000 metros, quadrados que lhes era destinado pelo governo brasileiro no pavilhão português, teve esse espaço de ser ampliado com mais 1:200 metros onde se construiu um annexo especialmente destinado á secção de Bélas-Artes.

A fórma brilhante com que Portugal concorreu áquelle certamen, tem sido lisongeiramente apreciada pelo governo brasileiro e comissão executiva, merecendo carinhosas referencias do digno presidente desta

Um aspeto geral da Feira

a concorrencia que invade todo o recinto é espantosa e nella figuram todas as classes sociaes. Chegam carruagens e automoveis com familias donde se apeiam gentis senhoras com riquissimas *toiletes*. Os *bonds* e barcos a vapor despejam a cada momento centenares de pessoas, e toda esta multidão recebe com calorosos aplausos o Presidente dr. Affonso Penna e o seu governo federal, quando, pelas 2 horas, chega á Exposição, onde é esperado por todos os altos dignitarios, elemento militar e civil da Republica, corpo diplomatico e tudo que de mais distinto ha na sociedade fluminense.

Tocam então as musicas o himno nacional, sôa a artilharia das baterias do Colegio Militar e os alumnos deste instituto, que formam em frente do palacio dos Estados, fazem a continencia militar ao Presidente, que vae inaugurar a Exposição da Republica Nacional.

No grande salão, cheio de numerosa assistencia, toma o Chefe da Republica seu logar sob o docel, e ali profere o presidente da comissão executiva o discurso inaugural, a que acima nos referimos, relatando os grandes progressos que a industria dos Estados tem realisado e que para muitos será completa surpresa.

Terminado o discurso, o Presidente dr. Affonso Penna declara inaugurada a Exposição Nacional, salvando então a artilharia em terra e no mar e tocando as bandas o himno da Republica no meio das ovações do povo.

O Presidente com todo o seu luzido cortejo passa a visitar a Exposição dos diferentes Estados e secções, dirigindo-se por fim ao pavilhão e annexo de Portugal, como já referimos.

No pavilhão dos Correios e Telegraphos, fez o sr. Presidente dr. Affonso Pena um telegrama dirigido a El-Rei D. Manoel, nos seguintes termos:

«A S. M. El-Rei D. Manoel, Lisboa. Ao visitar o Pavilhão de Portugal, que acaba de ser inaugurado, apresento minhas congratulações a Vossa Magestade, pelos progressos das artes e industrias portuguêsas.»

Todos devemos folgar com este auspicioso acolhimento, que bem aproveitado deve dar os melhores resultados para as nossas artes e industrias, que tanto carecem de expansão para mais se desenvolverem, e os mercados do Brasil pódem auxiliar de modo efectivo esse desenvolvimento.

O Restaurante das Caldeiradas

* * *

As Bélas Artes, que numerosamente concorreram aquelle certamen, como relatámos no citado n.º 1063 desta revista, vêmos quão lisongeiramente foram acolhidas pelo publico.

E' dellas que ainda hoje nos ocupamos reprodusindo pela gravura as obras de mais alguns artistas que concorreram.

Entre essas obras conta-se a primorosa estatua de Bernardin Ribeiro, o mavioso poeta apaixonado, que dedilha aquellas canções com que embalou seus amores aos pés de uma princesa. Costa Motta o autor desta esculptura deu á sua obra todo o sentimento poetico a par dos primores da modelação.

Costa Motta é um artista já consagrado por muitos outros trabalhos de alto valor,

sr. dr. Antonio Olyntho, no seu discurso inaugural, taes como a seguinte:

«Além do que mandaram os Estados, brilham na Exposição, fraternisando com os nossos, produtos da industria portuguêsa. Era justo que viessem elles associar-se a uma solemnidade que rememora uma data igualmente assignalada na metropole de onde nos vieram os primeiros ensinamentos e o movimento inicial da nossa vida economica, que hoje vamos balancear.»

O que foi essa festa inaugurativa da Exposição, não se descreve facilmente, assim o diz em carta um nosso correspondente do Rio de Janeiro.

Aquelle dia ficará memoravel na historia da Republica Federal, não só pela fraternidade afirmada entre os Estados, como pelo brilho extraordinario da solemnidade.

Na ampla praia Vermelha, que as aguas do Guanabara beijam amorosamente, erguem-se agora os diferentes edificios da Exposição recortando seus graciosos contornos sobre o copado arvoredo das encostas que fazem fundo ao deslumbrante quadro. Do outro lado o mar imenso por onde a vista se espraia, dos terraços dos restaurantes aglomerados de espectadores. A' leve aragem balouçam mansamente centenas de bandeiras e galhardetes, pendentes de alterosos mastros, por onde flutua aqui e além a bandeira brasileira e o pendão das quinas, como aquelle que primeiro se levantou em Terras de Santa Cruz. O sol abrasa mas

O Botequim da Vacaria Flandres, ponto de reunião do «High-Life»

(Fotografias do sr. Alberto Lima)

como os monumentos de Affonso de Albuquerque, de Sousa Martins, de Pinheiro Chagas, prestes a inaugurar-se, além de muitas outras producções que atestam em publico o seu talento.

E' esta, sem duvida, uma das suas mais delicadas produções.

Ainda outra esculptura se distingue entre as mais que concorreram, como é a figura da *Industria* de Thomaz Costa, um esculptor de grande merito, afirmado em muitas outras obras.

Do pintor Gyrão reprodusimos o seu gracioso quadro *Um valente*, que representa um enfatuado galo com suas submissas galinhas, que se defronta com a astuta raposa alapardade na ca poeira. Nesta especialidade de pintura não tem rival entre nós o estimado artista, a quem branqueram as cans manejando a palêta.

De um novo pintor, sr. Ribeiro Junior, que é uma lisongeira esperança para a arte, reprodusimos o seu bélo quadro *Os ferreiros*, bem estudado e bem realisado nos efeitos de luz com uma verdade flagrante.

Além destas obras e das que reprodusimos em o n.º 1063, muitas outras havia dignas de figurar nesta revista, se dellas podessemos ter obtido fotografias.

A FEIRA DE AGOSTO

Quando vem o mez de agosto e o sol entra na *Canicola*, começa a sahir de Lisboa a gente que se presa, uma grande parte para fingir de rica, que vae gosar os rendimentos para o estrangeiro, para o campo e para as praias, como é de tom e de bom gosto...

Lisboa fica então ás moscas, aos economicos, que deitam contas á vida, e ao proletariado, que não tem de que deitar contás.

Fecham os teatros, fecham-se as salas, dam-se as ultimas touradas no Campo Pequeno, e para acabarem todas as distrações ao lisboeta fecham-se este anno as côrtes, a unica coisa que ainda mexia neste mar morto da capital do reino.

Os homens de negocio dizem que é o tempo da palha — que lhes preste. Os que não são de negocio, pouco se importam com isso porque vivem todo o anno com os vintens contados.

Entretanto é preciso animar de alguma maneira a cidade.

Algum tempo armavam-se arraiaes por essas praças e ruas, com musicas, foguetes e leilões de cargos e de fogaças; havia a feira das Amoreiras, pelo Espirito Santo, e logo a de Belem, depois vinha a do Campo Grande ao cahir da folha, e com estes arraiaes e feiras se entretinha a população e se fazia algum comercio.

Veio, porém, o progresso cá da terra e achou improprio de uma capital os seus usos tradicionaes. Abolio os arraiaes e feiras intra muros por indecentes e más figuras. Não se queriam esses espétaculos e distrações saloias; nada de arraiaes aos santos populares, nem de feiras velhas nesta Lisboa formosa e risonha. Foram-se os arraiaes que alegravam a cidade, em que a população se divertia pelo Santo Antonio, pelo S. João, pelo S. Pedro, que a todos estes santos se faziam festas populares. Improvisavam-se capelinhas, armavam-se coretos e até no arraial de S. João, na praça da Alegria, se armava uma torre para sinos, que vinham emprestados do Arsenal e alegravam a gente com os seus toques do *Passarinho trigueiro*, *Pirrolito que bate*, *O' saloia da-me um beijo* e mais trovas populares, caracteristicas.

As feiras eram outra distração para o lisboeta, que adora os petiscos saboreados na barraca de lôna com suas cortinas de ramagem de cores berrantes, e o torreano bebido por tigelas a regar as belas caldeiradas, as sardinhas na grelha, que levantam labaredas do lume e cheiram mal mas sabem bem, as iscas, que cheiram melhor do que sabem, a conserva portuguêsa de cenouras e pimentos em vinagre de sete ladrões — que deve estar barato — e toda essa culinaria nacional que vae desde a canja de galinha até ao mixilhão com seu r r.

Não se queriam mais estas coisas na cidade e a cidade entristiceu por estes mezes de verão. Paralisou, meteu o dinheiro na bolsa, como diz lago no *Othelo*, ou fugia toda para as hortas, para os arrabaldes, e por fim o progresso cá da terra percebeu que fizera asneira.

A feira de Belem que se casara com a das Amoreiras, divorciou-se a breve trecho e esta ultima veiu assentar arraiaes ás portas de Alcantara, que Deus haja.

De muito má vontade o progresso cá da terra transegio e lá a deixou instalar por maio e junho.

A feira ali principiou a modernisar-se, com teatros e circos, com restaurantes á lista e cafés cantantes com *camaréras* pelintras de saias de chita e lenços de seda, carrussel de cavalinhos de pau, pim-pam-pum e tiro ao alvo, uma orgia de distrações baratas para a população aos domingos e noites de estio.

Ha dois annos o progresso fez mais uma conseção obrigado pela necessidade de animar a capital, e inventou a Festa de Lisboa. Então estendeu-se a feira com seus visos de arraial pelo coração da cidade desde o Rocio e Avenida em fóra. Espalharam barraquinhas e kiosques, bazares e venda de majaricos e moringues, frutas e queijadas, loiça das Caldas e flôres tão bonitas como as raparigas que as vendiam, todas secias de saias redondas, deixando vêr o sapatinho de laço, aventalinhos de folhos e toucas á francesa sobre os bandós e poupas dos seus cabellos negros. Para mais alegrar as vistas e dar ares de festa levantam-se mastros embandeirados por toda a estensa feira e na Avenida arcos e festões de verdura, coretos para musicas e á noite iluminações a gaz e luz elétrica a lampadas de côres que pendem das arvores como frutos do paraizo.

Fraternisou Lisboa com a capital do norte, que se fez representar na festa e a ella se associou o Club dos Fenianos com seus carros alegoricos e cavaleiros mosqueteiros dando brilho ao cortejo noturno, que desfilou desde o Terreiro do Paço até a Avenida da Liberdade.

Foram dias e noites de festas que prometiam continuar nos annos seguintes, mas que ficaram em amostra, por motivos que não vem agora á discussão.

Foi pena, porque o publico aceitou bem aquelle resurgimento melhorado das antigas festas na cidade. Muito melhorado, até pomposo, exigindo grandes despezas para que afinal, o comercio, que mais lucrava com isso, não concorreu o bastante.

Tudo voltou como antes e Lisboa passou o verão de 1907 só com a feira de Alcantara e a de Belem, esta quando já goteja a telha e o povo tem os teatros e circos abertos em Lisboa para se divertir ás noites, não falando na praga dos animatografos.

Este anno, porém, desforrou-se. A seguir á feira de Alcantara, inaugurou-se a feira de agosto que entra pelo setembro, até que cheguem as peras cosidas e as castanhas assadas.

Uma grande feira, no futuro parque Eduardo VII, lá no alto da Avenida, uma feira a que antes se devia chamar *Centro de Diversões*, porque pouco ou nada se vende do que se traz para casa, como algum tempo se trazia da feira do Campo Grande as peças de pano de linho, os briches e os cobertores de papa para o inverno, e da feira de Belem, os peros e as maçans, passas e nozes, com que as donas de casa muito calculadamente se forneciam para as sobremesas dos dias de festa, o de Todos os Santos, o de Natal e Anno Bom.

Da feira de agosto só se poderá trazer para casa alguma bugiaria, e no estomago alguns petiscos, pois quanto ao mais do que lá se gasta lá fica.

Para isso tem o publico por onde escolher, desde o velho tutilimundi ao moderno cinematografo, desde a apimentada revista de anno até á zarzuela, em teatros de luxo obrigados a pinho e papelão pintado com luz elétrica, geral, superior e cadeiras para distinção das classes.

Realejos colossaes, como grandes orquestras, que tocam á porta dos espectaculos e se ouvem a meia legua de distancia. Já não se vê o palhaço sujo anunciando ao publico que póde entrar e *quem não tem cabeça não paga nada*; agora são os empresarios, engravatados e limpos que fazem á porta o reclamo, descrevendo o que se representa lá dentro.

As barracas de petiscos tomaram ares de restaurantes. Capricham em apresentar suas frontarias artisticamente decoradas, e já não são reles cortinas de ramagem que devidem seus gabinetes particulares, mas biombos de papel pintado e reposteiros discretos, todos iluminados a luz elétrica; cosinheiros de branco, onde as nodoas não mancham a alvura dos seus aventaes; creadas graves e creados de casaca servem os freguêses.

Distribuem ao publico *menus* impressos das petisqueiras, e porfiam qual mais hade aguçar o apetite.

Um destes restaurantes, por exemplo, anuncia as caldeiradas á marinheira comidas a caracter, na tolda de um navio armado em terra firme, com seus mastros e vergas, exatamente como a corveta *Preguiça* da Sala do Risco para exercicio dos aspirantes de marinha. Lá, daquella altura, póde-se ter a ilusão de ir por sobre as ondas, com a diferença que são ondas de cabeças do povo que vae e vem correndo por toda a feira.

Botequins ao ar livre e cervejarias. Naquelles ha selecções, como o da vacaria *Flandres* onde o *high-life* toma leite nevado e se dá *rendez-vous*.

O bazar do Albergue das Creanças Abandonadas, outro ponto de reunião, com tombolas e sortes, em beneficio daquelles pobres que não teem sorte.

Para goso do publico, a troco de 50 réis lá tem uma Grande Roda á semelhança de azenha colossal, para elevar as pessoas a grande altura, e dentro em baldes, como alcatruzes, desfrutarem o panorama, mas os que subiram o mais que gosaram foi quebrar as costélas, enfiando pelos alcatruzes abaixo.

A preventiva policia, depois do desastre, concordou que aquillo não era solido.

A' noite, mais tem que ver a feira com seus renques de luz elétrica e arcos voltaicos, apresentando de fóra uma prespétiva linda com seu tanto de fantastica.

Para nada faltar, por lá gira a roleta rapando os ultimos cobres aos viciosos das duzenas.

E assim, o lisboeta tem agora onde entreter as noites calmosas, se não tiver que fazer serão como eu, a escrever do que foram as feiras da minha mocidade e o que é hoje a Feira de Agosto.

CAETANO ALBERTO.

Literatura açoreana

O autor da divagação que vae ler-se, o sr. Gervasio Lima, é um devotado cultor da literatura açoriana, que nos dá a impressão do que a alma de um poeta sente na terra em que vive, tendo por horisontes o vasto Oceano, onde o ceu parece á nossa vista limitar sua abobada azul.

GERVASIO LIMA

Poeta e dos mais inspirados é o sr. Gervasio Lima, redátor e proprietario do semanario *O Imparcial*, que vê a luz publica na gloriosa vila da Praia da Vitória, e no qual publicou por ocasião do assassinato de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luis Filipe um artigo que se distinguiu pela fórma elevada e sentida com que verberou tão inaudito atentado.

O sr. Gervasio Lima é, pois, um distinto literato e poeta, de que temos muito prazer em reprodusir o pequeno artigo que segue, cheio de conceito e filosofia:

FITANDO O CÉO

Noite.

Archipelagos innumeraveis de estrellas rolam no céo d'anil. Milhões d'astros — milhões d'atomos — gravitando no espaço, embalados na dôce modulação das brisas, brilham como grãos de pó ás ondulações da luz.

Céo e mar — Que panoramas edificaveis!

Suspenso o homem entre duas eminencias, a seus pés o grande oceano, esse tumulo sem flôres — o mar; por sobre sua cabeça o céo infinito — laboratorio d'astros, ideal supremo — torna-se um eremita. Tem a sua biblia — a Natureza; o seu Evangelho — o Mundo; a sua historia — a Humanidade; o seu codigo — a Consciencia; e n'este campo, por sobre elle paira a aza suavissima do amor — o divino artista.

Que milhões de mundos pululam na infinidade do ether! Que mysteriosos seres os povoam!

Que monstros horriveis se agitam na profundidade das aguas! Que bosques deliciosos formarão as algas marinhas, ornadas de perolas reluzentes e coral brilhante!

Por toda a parte o incommensuravel, o incomprehensivel, sempre.

Nasce o homem ávido de saber, vive estudando e acaba ignorando.

Forma-se um planeta, brilha e some-se. Um seculo é um minuto na eternidade. A vida tem o mesmo analogismo, quer no astro, quer no homem, quer no átomo. Decomposições continuas, transformações successivas.

Tudo desapparece, e, todavia, nada morre.

O mundo contém moleculas; uma molecula contém mundos.

A vida é interminavel, imprescrutavel.

Além da distancia que o telescopio desvenda ha mais ether, ha mais soes; a materia cosmica faz surgir mundos em seu infinito laboratorio. Abaixo dos seres que o microscopio descobre, myriades de vidas se agitam em espantoso turbilhão.

A natureza não tem limites; o pensamento humano sim.

A visão do espirito, serena e profunda, abrange este panorama immenso.

*

E' n'esta hora melancholica, em que o mundo parecé convidar-nos á meditação, que o homem pensa na pequenez do seu ser; vê desfilhar ante seus olhos os continentes e as raças, a humanidade e sua historia, todos os quadros da sua vida, sombrios e tristes, saudosos e risonhos; as dôces reminiscencias do seu passado, as inquietadoras soluções do seu futuro; e, reflectindo no grande problema universal, não satisfeita ainda a debil suggestão dos seus desejos, da sua ambição, procura desvendar a origem — abysmo de trevas onde fallece o pensamento.

*

No maravilhoso mecanismo celeste os corpos congregam-se pela attracção n'uma harmonia deleitosa e pacifica que encanta. O mesmo acontecerá na terra quando a humanidade attingir o supremo ideal — a civilisação — que o amor reine em todos os corações.

Então a vida terá mais encantos, o sol parecerá mais brilhante, o céo mais limpido, o mar mais sereno, a brisa mais embalsamada, mais aromaticas as flôres, mais suave o canto das aves, mais frondosos os bosques; tudo mais poetico, porque o amor encerra toda a essencia da poesia.

O céo estrellado cobre nossas cabeças, a pureza de sentimentos em nossos corações, eis o sublime ideal religioso.

Todos pódem estudar olhando.

O universo encerra uma litteratura inteira.

GERVASIO LIMA.

NECROLOGIA

Augusto Justiniano de Araujo

Victimado por uma syncope cardiaca, falleceu, em 14 de agosto, este bem conhecido relojoeiro cosmochronometrista. A sua morte, verdadeiramente inesperada, porquanto Justiniano de Araujo havia sempre gosado boa saude, causou profundo pezar entre os seus muitos amigos, que lhe apreciavam o privilegiado talento e graça incomparavel.

Nasceu a 19 de fevereiro de 1843, em Valença, filho de D. Maria Pereira de Araujo e de Antonio Corrêa de Araujo.

Tendo-se matriculado no Collegio Militar para seguir a carreira de seu pae, que fôra ajudante d'ordens do marechal Saldanha, abandonou pouco depois aquelle estabelecimento para se dedicar a arte de relojoaria, em que foi iniciado por seu padrasto.

O joven artista revelou logo prometedoras aptidões, que se foram aperfeiçoando successivamente com as lições dos melhores mestres de relojoaria de então, os conhecidos fabricantes Wintermantel, Plantier e Gameiro, matriculando-se tambem no Instituto Industrial, onde em 1863 cursou as aulas de mechanica, physica e mathematica. Procurou sempre estar em dia com os progressos da sua arte, que elle aperfeiçoou com valiosos inventos de largo alcance.

Dotado de multiplas aptidões artisticas e mechanicas, possuia tambem um bello ouvido, que lhe permittia o entregar-se ao cencerto e afinação de pianos, orgãos, caixas de musica, etc., vindo mais tarde a consagrar-se especialmente ao fabrico de instrumentos chronometricos e relojios de torre, de varios systemas e do *Cosmochronometro* regulador das horas em todos os logares do mundo, um notavel invento de que tirou privilegio em 1888, tendo offerecido um exemplar á Sociedade de Geographia, que o contava no numero dos seus socios effectivos mais antigos e como tal o inscreveu no seu quadro de honra.

Justiniano de Araujo foi um activo propugnador da industria nacional, sendo considerado o pri-

AUGUSTO JUSTINIANO DE ARAUJO

meiro entre os relojoeiros constructores portuguêses.

A sua privilegiada aptidão mechanica comprazia-se na resolução das maiores difficuldades em concertos de chronometros e de apparelhos de precisão, não havendo impossiveis perante a sua extraordinaria capacidade inventiva, que o familiarisou com muitas personalidades em evidencia no país, as quaes o procuravam depois de terem, debalde, consultado afamados artistas estrangeiros.

Araujo, como todos ou quasi todos os verdadeiros artistas, era um excentrico, um original, e possuia um humorismo captivante que lhe acarretava grandes sympathias. Nunca procurou pôr as suas raras qualidades inventivas ao serviço de uma grande empreza, de que poderia ter auferido lucros razoaveis, apezar da reluctancia conhecida entre nós pelo desenvolvimento das industrias existentes ou susceptiveis de serem aqui introduzidas.

Além dos seus inventos relativos a relojoaria, apresentou outros de não somenos importancia, embora não chegassem a ser postos em pratica, taes como: apparelho salva-vidas, em casos de incendio, apparelho registador automatico da hora de tiragem da correspondencia dos marcos postaes e um outro para a distribuição da hora aos domicilios, do qual a imprensa se occupou em setembro de 1898, data em que o distincto artista requereu á Camara Municipal o exclusivo para a collocação de linhas electro-chronometricas para o estabelecimento da hora aos domicilios, a exemplo do que se praticava em Berne e noutras cidades estrangeiras.

A sua competencia profissional verificou-se não só como relojoeiro constructor, mas tambem como escriptor technico, tendo fundado e dirigido a revista illustrada de relojoaria e electricidade, denominada *O Cosmochronometro*, premiada na Exposição da Imprensa em 1898 com o diploma de merito.

Concorreu á Exposição de Belem em 1881 e á Exposição Industrial Portugueza de 1888, onde apresentou differentes systemas de relogios de sála, torre e de precisão, que lhe mereceram as medalhas de prata e cobre.

Os relojios de torre de seu fabrico estão dissiminados pelo continente, ilhas, colonias e Brazil, havendo alguns na capital, como por exemplo os do Mercado da Ribeira Nova, Santo Antonio dos Capuchos, Santa Izabel, etc.

O fallecido provedor da Real Casa Pia de Lisboa, Francisco Simões Margiochi, que muito de perto conhecia os elevados meritos profissionaes d'este illustre industrial, nomeou-o director technico da Officina Escola de Relojoaria, que aquelle chorado provedor ali fundára e que terminou com a sahida do iniciador de tão util e patriotico melhoramento.

Data d'essa época (1894) a restauração do relojio da egreja de S. Domingos de Bemfica, feita pelos alumnos da Casa Pia sob a direcção de Araujo, que conservou a feição historica e artistica do curiosissimo relojio.

Foi tambem Araujo quem transformou o relojio da rua Augusta, construcção nacional e estylo do seculo XVII, deixando assim vinculado o seu grande talento artistico a muitas obras nacionaes.

Justiniano de Araujo foi director technico da Empreza Fabril de Relojoaria e Artes Congeneres, que elle planeára com a collaboração de Francisco Antonio Rodrigues, e foi fundador e secretario da extincta Sociedade de Relojoaria de Lisboa.

Era ha muitos annos relojoeiro dos hospitaes civis, logar para que foi nomeado pelo enfermeiro-mór dr. Ferraz de Macedo, um dos seus mais enthusiastas admiradores.

A morte de Augusto Justiniano de Araujo representa pois uma grande perda para a arte e industria nacionaes.

A' sua desolada viuva D. Maria Emilia Marques de Araujo e a seus filhos D. Anna Augusta Marques de Araujo, professora da Escola Normal de Lisboa, e esposa do nosso presado amigo sr. Macedo de Oliveira, professor do Lyceu e collaborador do OCCIDENTE, e sr. Luciano Augusto Marques de Araujo, endereçamos os nossos sentidos pezames.

General Montenegro

Não é nas breves linhas deste necrologio que se póde fazer a biografia do ilustre general, que, no dia 30 de agosto, pagou á morte o imperduavel tributo a que estão sujeitos todos os seres vivos. Vamos, pois, apontar os topicos principaes de sua vida prestante e lidimo caracter que destinguiam o morto, cuja falta é geralmente sentida.

Augusto Pinto de Miranda Montenegro, nasceu na cidade do Porto, a 15 de novembro de 1829. Formado em matematica pela Universidade de Coimbra e completado o curso de engenharia na Escola do Exercito, foi logo comissionado para as obras publicas, que dirigiu em diferentes distritos do país e ultramar.

Vê-se, pois, que não foi um militar da fileira, mas nem por isso foi menos prestante ao seu país, que serviu com rara dedicação e inteligencia, nas variadas comissões que desempenhou.

Na direção das obras publicas de Cabo Verde prestou relevantes serviços que foram reconhecidos pelo governo, agraciando-o com a camenda de Cristo. Tomou parte ativa na direção das obras dos caminhos de ferro portuguêses.

Era ultimamente inspétor geral de engenharia e presidente do Conselho de Melhoramentos Sa-

GENERAL AUGUSTO PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO

nitarios a que dedicou estudos serios e promoveu medidas de alcance. Em 1890 foi nomeado fiscal do governo junto da Companhia das Aguas.

Figurou tambem com vantagem na politica portuguêsa, filiado no partido reformista que depois se fundiu no progressista. Eleito deputado ás côrtes, ocupou distintamente o seu logar. Quando o bispo de Vizeu formou governo, convidou o general Montenegro para ministro das obras publicas, honra e cargo que muito modestamente declinou por o julgar superior ás suas forças.

Comtudo, quantos teem aceitado e até procurado estas honras, com menos merecimentos que o ilustre estinto!

O general Montenegro, cuja ilustração era vasta, deixa trabalhos apreciaveis sobre as comissões de serviços que desempenhou, de que citaremos as seguintes:

As Aguas de Lisboa, 1893; *Plano de exercicio de uma brigada mixta*, 1895; *Memoria sobre as aguas de Lisboa*, 1895; *Tables pour calculer les flèches des pontus droites metalliques*, 1897; *A hygiene das habitações*, 1901; *Bairros operarios*, 1903; *O inquerito aos pateos de Lisboa*, 1903; *O inquerito de salubridade das povoações mais importantes de Portugal*, 1903; *Condições de habitação*, 1904; *Saneamento das povoações*, 1905; *O saneamento de Lisboa*, 1906; e a *Hygiene urbana em Portugal*, 1906.

Apesar da avançada edade, trabalhou sempre no desempenho de suas funções, o que não deixaria de lhe preparar a angina petoris de que foi vitima.

Homem cheio de bondade, deixou em todos quantos o conheciam e nos proprios subordinados profundo sentimento a sua morte.

O general Montenegro era pae do sr. conselheiro e ministro de estado honorario dr. Arthur Montenegro.

ALFERES JÁRA DE CARVALHO, VENCEDOR NAS CORRIDAS DE SALTO DA ESCOLA PRATICA DE CAVALARIA

Os saltos começaram a altura de $1^m,80$ e só concorreram os srs. alferes Jára de Carvalho e Constancio, aspirantes Delfim Maia e H. Barata. Todos saltam $1^m,80$; a $1^m,85$ é eliminado o aspirante Barata; a $1^m,90$ é eliminado o aspirante Maia; a $1^m,95$ é eliminado o alferes Constancio. Ganha o alferes Jára de Carvalho, no seu cavalo Jau, meio sangue, que transpõe a altura maxima de $1^m,95$. No ultimo campeonato internacional de Roma a maxima altura transposta pelos concorrentes foi de $1^m,70$.